



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Os saberes dos terreiros na construção da democracia¹

Maria Elise Rivas²

Resumo: O artigo discute brevemente o desenvolvimento da democracia desde a Grécia Antiga até os dias atuais, enfatizando a importância da diversidade e do diálogo para sua

1. O artigo seguinte resulta de transcrição adaptada de fala realizada durante mesa de diálogo no dia 11 de maio de 2023 durante o II Ciclo Internacional de Conferências Brasil: Poéticas da Diáspora Africana, de 9 a 13 de maio, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, em Cachoeira, Bahia.

2. Maria Elise Rivas é sacerdotisa da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), uma instituição religiosa afro-brasileira que é Ponto de Cultura. Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP),

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Maria Elise Rivas

existência. Destaca-se o papel das religiões afro-brasileiras na promoção desses valores democráticos, incluindo a inclusão de questões como sistema de cotas, colorismo e diversidade de gênero. A cosmovisão dessas religiões, que valoriza a inclusão e o respeito à natureza, é vista como uma contribuição significativa para repensar a sociedade de maneira inclusiva. O artigo também destaca a capacidade das religiões afro-brasileiras de manter elementos essenciais enquanto permitem a interação e a diversidade, e argumenta que essas tradições têm potencial para servir como modelos justos e viáveis para uma sociedade democrática.

Palavras-chave: Democracia, diversidade, diálogo, religiões afro-brasileiras, inclusão.

foi vice-diretora da FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), onde se graduou em Teologia, primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira. Cidadã honorária de Itanhaém, integra a Academia Itanhaense de Letras e é autora de diversos livros, tanto religiosos como científicos e de militância pelas religiões afro-brasileiras.

Os saberes dos terreiros na construção da democracia

Permitam-me honrar a ancestralidade do recôncavo Baiano, reverenciando todos aqueles que, ao passarem por esta terra, a transformaram em um solo sagrado. Solicito as bênçãos de Babalossaim Cláudio Orlando e do Tata Kamus'ende. Cumprimento a todos e todas aqui presentes com os meus votos de uma boa tarde.

Sou uma mulher branca, consciente da minha dívida para com o povo negro. Embora não tenha nascido em um terreiro, aos 13 anos ingressei em uma casa de Santo, onde resido há 45 anos. Estou profundamente satisfeita por ter minha identidade fundamentada, moldada, vivenciada e existencial a partir desses princípios. Minha incursão no meio acadêmico ocorreu tardiamente, bem depois de ter sido iniciada nos ensinamentos da esteira, durante meus rituais de iniciação. Iniciei minha trajetória acadêmica aos 39 anos, tendo enfrentado muitos desafios por conta de minhas responsabilidades maternas e por oportunidades limitadas. Minha entrada na academia foi motivada pela necessidade e pelo comprometimento com ideologias e ideais que valorizam a cultura afro-brasileira. Esta jornada teve início na FTU, a primeira e única faculdade a trazer à tona a teologia afro-brasileira, defendendo o princípio de igualdade, onde todos têm o direito de discutir saberes.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Maria Elise Rivas

Engajei-me na luta antirracista e, ao mesmo tempo, assumi a direção de uma casa de santo com 53 anos de existência, cargo que herdei e que me fez tomar a difícil decisão de deixar a academia, dada a incompatibilidade entre as responsabilidades que ambas demandavam. Dessa forma, optei por dedicar-me à vida no Santo, embora mantenha minha natureza híbrida: sou mãe de santo, ialorixá e também acadêmica. Como resultado, fundei a revista Estudos Afro-Brasileiros, uma publicação internacional voltada ao diálogo com a cultura afro-brasileira, as casas de Santo e minha própria identidade acadêmica.

■ Gostaria de expressar minha gratidão ao meu padrinho, presente aqui, o professor Reginaldo Prandi, mentor da revista, cujo constante incentivo tem sido fundamental em minhas iniciativas na luta antirracista, na promoção da cultura afro-brasileira e no apoio aos valores do povo de terreiro. Agradeço-lhe imensamente, professor.

Falando agora sobre democracia, versando sobre este tema com uma abordagem mais acadêmica, cumpre dizer que a democracia teve sua origem entre os gregos como uma forma de governo onde se preconizava o governo pelo povo. No entanto, este conceito surgiu em uma sociedade profundamente desigual. A governança era exercida por apenas 6% dos

Os saberes dos terreiros na construção da democracia

homens maiores de 18 anos, evidenciando que a democracia surgiu num contexto de desigualdade. Ao longo do tempo, a democracia passou por transformações, especialmente após a Revolução Industrial e, posteriormente, com mudanças significativas decorrentes da Revolução Francesa.

Diante desse panorama, o que caracteriza a democracia hoje? A diversidade é um componente essencial para a existência da democracia: o voto foi estabelecido como uma forma de representar essa diversidade. Votamos porque há diversidade; sem ela, estaríamos sujeitos a uma ditadura. Dito isso, desejo destacar as contribuições dos terreiros para uma sociedade democrática. ■

Refletindo sobre a vida e as experiências nos terreiros ou Casas de axé, algumas questões vêm à tona. Trago comigo um caderninho, uma prática antiga a fim de tomar notas em eventos acadêmicos, para expressar inicialmente minha gratidão ao pai Cláudio, por introduzir um princípio fundamental da democracia: o diálogo. O senhor promoveu o diálogo acadêmico com a ancestralidade, uma contribuição significativa para o processo democrático. Sem diálogo, não há democracia; todas as vezes que fechamos as portas para o diálogo, fechamos as portas dos movimentos democráticos.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Maria Elise Rivas

O cerne da democracia reside na capacidade de ouvir e ser ouvido, nem sempre com consenso, pois o dissenso também faz parte da democracia. Nem sempre concordamos, mas o essencial é ter a liberdade e o direito de expressar nossas opiniões, ou, quando não possível, ter alguém que o faça por nós.

Gostaria de agradecer também por mencionar o sistema de cotas, que permitiu tardiamente a entrada de pessoas negras nas universidades. Este é um gesto reparador do nosso Brasil diante do processo histórico de escravização humana. Embora tardio e limitado, representa um ponto de partida que tem proposto e continua a propor mudanças profundas na educação, incorporando valores tradicionais na academia.

Gostaria de expressar minha gratidão ao Tata por abordar a questão do colorismo, que delineia uma escala dentro da negritude. Esta escala, muitas vezes, retardou a conscientização acerca da negritude, resultando em uma verdadeira derrota para um movimento que poderia ter ganhado força há muito tempo. No ano de 2020, produzi um documentário sobre um quilombo na cidade de Itanhaém, intitulado *Dona Laura do*

Os saberes dos terreiros na construção da democracia

*Quilombo: entre silêncios e histórias.*³ Ao conversar com Mãe Laura, uma mulher de 83 anos, disse a ela que ela era uma quilombola, ressaltando que quilombo não se limita a espaços rurais, mas também existe em espaços urbanos. A reação de surpresa dela foi evidente: ‘Ninguém nunca me disse isso em 82 anos’, ao que respondi: ‘Porque ninguém queria que a senhora soubesse’.

Há muitas coisas que as pessoas deixam de mencionar, e é crucial que tenhamos vozes para trazer à tona essas questões. Faz parte da democracia que essas vozes sejam ouvidas, mesmo que apenas algumas pessoas estejam atentas. Outro ponto abordado foi a inclusão de gêneros, destacando que pessoas que se assumiam homossexuais eram expulsas de seus lares e acolhidas nas casas de Santo. Esta prática tem suas raízes e estrutura em nossa cosmovisão. Posso falar da minha formação na tradição nagô, onde dentro de nossas divindades, há representações de gênero diversificadas, com divindades femininas,

3. Projeto realizado por meio da Lei Aldir Blanc, foi exibido durante o Festival Cidade Cultura, na página do YouTube da Prefeitura Municipal de Itanhaém, disponível em: <https://youtu.be/GYI8AcyUkSw?si=ZxnQOd2fc8ppmRY5>.

Maria Elise Rivas

masculinas e meta-meta, incluindo assim todas as pessoas neste amplo panteão de divindades: ninguém é excluído de sua natureza divina.

Dentro de nosso panteão, temos divindades de diversas idades, estados civis e representações, desde divindades velhas até jovens e crianças, divinizando assim todos os seres humanos, independentemente da idade. Essa visão inclusiva oferece uma perspectiva diferente para pensar a sociedade, promovendo a inclusão em seu âmbito. Nossa cosmovisão contribui significativamente para repensar a sociedade de maneira inclusiva.

■ Além disso, nossa existência está intrinsecamente ligada à natureza, pois o orixá é a própria natureza. Isso nos faz interagir com o que está presente tanto entre os seres humanos quanto na natureza, da qual fazemos parte. O respeito à natureza deve ser fundamental, pois não há democracia quando as diversas formas de natureza são violentadas, seja a natureza humana ou a natural. Dentro de nossa cosmovisão, essa integração é essencial e faz parte da realidade: educar alguém desde a infância com essa consciência transforma-a em um adulto responsável consigo mesmo, com a humanidade, a natureza e o sagrado. Esses pilares são fundamentais para a democracia. Se não respeitamos o sagrado próprio, não respeitaremos o

Os saberes dos terreiros na construção da democracia

sagrado do outro. Se apenas respeitamos o nosso sagrado, negligenciamos o sagrado alheio. Esse desequilíbrio coloca em risco as relações humanitárias no processo de formação social.

Se considerarmos nossa cosmovisão, é importante reconhecer que não podemos negar as questões históricas. As profundas divisões raciais construídas ao longo da história são vivenciadas e perpetuadas de uma geração para outra. Estar aqui como uma mulher branca e ialorixá de candomblé é um resultado inclusivo do processo do povo negro, o que me coloca na obrigação de combater o racismo. Meu trabalho contra o racismo é uma forma de atuar nesse sentido, embora a consciência inter-racial não deva impor fronteiras rígidas, pois isso impediria a realização de processos democráticos autênticos.

Muitas vezes ouço dizer: “Você fala de um lugar confortável. Você é uma mulher branca”. De fato, ocupo um lugar confortável e tenho uma voz social. No entanto, essa voz social deve ser usada em prol da luta contra o racismo e pela inclusão do povo negro.

No contexto histórico das religiões afro-brasileiras, como mencionado pelo Tata, encontramos uma enorme diversidade. O candomblé, por exemplo, abarca diferentes vertentes, como jeje, Angola e nagô, refletindo essa riqueza de tradições. As

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

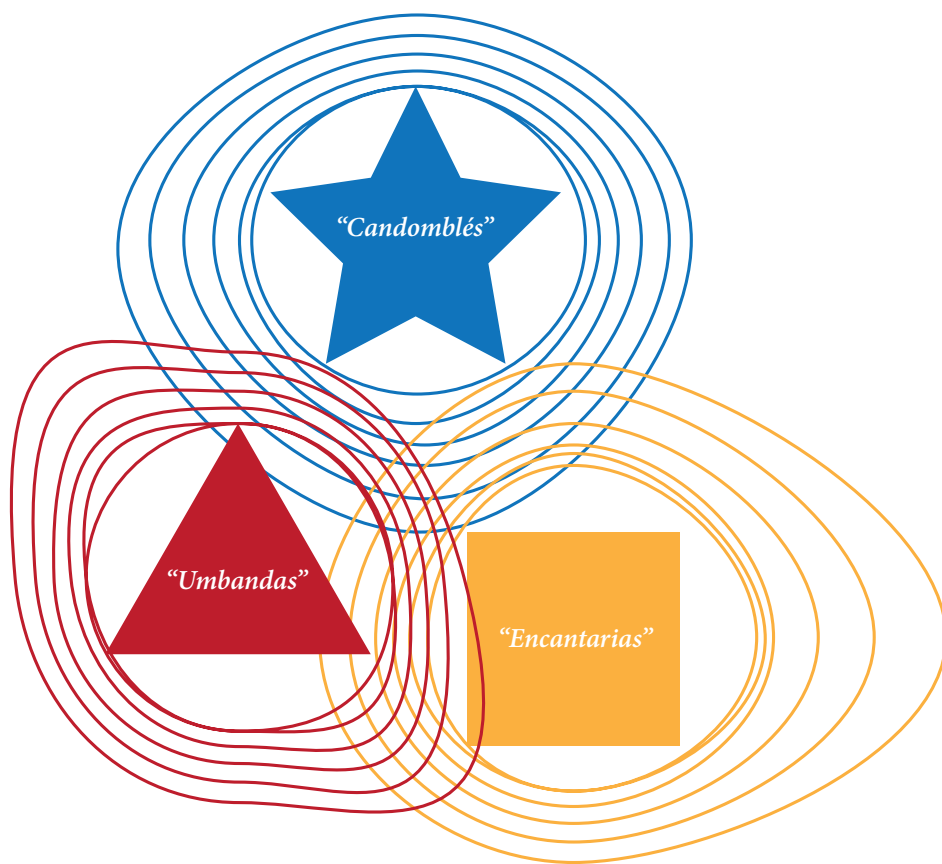
Maria Elise Rivas

encantarias, como toré, babassuê, terecô e jurema, representam essa mesma diversidade dentro de um amplo espectro. Há também a Umbanda, que ao longo do tempo foi se modificando, embora mantenha suas raízes afro-brasileiras. Essas tradições formam zonas de diálogo dentro desse vasto panorama.

A revista *Estudos Afro-Brasileiros*, disponível on-line e de acesso gratuito, é um espaço relevante para o debate acadêmico. A revista oferece uma variedade de artigos de qualidade que podem contribuir significativamente para o entendimento dessas temáticas.

■

Figura 1 – Diagrama de núcleos duros e zonas de diálogos em relações assimétricas



Fonte: Rivas Neto (2015, p. 105).

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Maria Elise Rivas

Aqui apresento um diagrama elaborado por meu ancestral, Babá Rivas de Ògìyàn, cujo legado inclui as zonas de diálogo e o que chamamos de “núcleo duro”. O núcleo duro implica na existência de elementos essenciais e estruturais dentro da diversidade das religiões afro-brasileiras que permanecem inalterados ao longo do tempo. Por exemplo, se considerarmos o Candomblé de 1800, ainda encontraremos elementos como transe, iniciação e outros fundamentos que permanecem presentes nas práticas atuais.

Este “núcleo duro”, seja ele o transe ou o mediunismo, como é comumente referido, também está presente na Umbanda, manifestado através da incorporação de ancestrais, diferenciando-se dos Orixás. Elementos como iniciação também compõem este núcleo, representando aspectos fundamentais que não sofrem alterações significativas ao longo do tempo. No entanto, dentro deste contexto, observamos zonas de diálogo.

Essas zonas de diálogo representam a capacidade de interação entre diferentes vertentes religiosas. Por exemplo, a referência contemporânea ao ‘Candomblé jeje-nagô’ ilustra esse diálogo, onde divindades jeje, consideradas estrangeiras no nagô, são absorvidas sem restrições na dinâmica ritual. Esta

Os saberes dos terreiros na construção da democracia

absorção representa um ato democrático, onde diferentes pontos de vista são compreendidos e equilibrados para alcançar uma síntese.

A existência dessas zonas de diálogo dentro das religiões afro-brasileiras pode ser vista como um modelo valioso para a democracia brasileira. Ao refletir sobre essa questão, destaco a importância da cosmovisão, referenciando-me aqui a Reginaldo Prandi:

Ao contrário da narrativa histórica, os mitos nem são datados, nem mostram coerência entre si, não existindo nenhuma possibilidade de julgar se um mito é mais verossímil, digamos, do que outro. Cada mito atende a uma necessidade de explicação tópica e justifica fatos e crenças que compõem a existência de quem o cultiva, o que não impede de haver versões conflitantes quando os fatos e interesses a justificar são diferentes. O mito fala do passado remoto que explica a vida no presente. O tempo mítico é apenas o passado distante. E fatos separados por um intervalo de tempo muito grande podem ser apresentados nos mitos como ocorrência de uma mesma época, concomitantes. (Prandi, 2001, p. 48)

Maria Elise Rivas

Quando menciono ancestralidade, estou me referindo a um extenso período que reunimos num tempo mítico. Esse tempo mítico fundamenta nossa existência no presente, influenciando como estruturamos nossas posições e compreensão enquanto seres humanos. Como o mito se relaciona com a narrativa da democracia no contexto brasileiro? Fala-se frequentemente sobre a democracia brasileira como um mito, e não é uma afirmação minha, mas sim do sociólogo Florestan Fernandes.

Esse mito da construção de uma narrativa democrática exige que o tornemos presente, que reconfiguremos as relações interpessoais, políticas, econômicas, religiosas, sociais e culturais. Precisamos torná-lo presente diariamente, assim como fazemos com o mito nas casas de santo: não buscamos apenas o passado, mas sim reatualizamos o mito. A cada xirê, a cada iniciação, a cada bori, estamos trazendo à tona o mito, tornando-o presente em nossa realidade.

Finalizando, acredito que nós, das religiões afro-brasileiras, temos uma significativa contribuição a oferecer para a democracia. Nosso modelo de sociedade, o egbé, é crucial, pois nele se encontra uma família que congrega a mais diversa comunidade possível, unidos pelo laço de parentesco. Em minha

Os saberes dos terreiros na construção da democracia

família egbé, tenho indivíduos de diferentes origens socioeconômicas, raças, orientações sexuais e identidades de gênero, todos são meus parentes. Este modelo social poderia e deveria estar presente e servir como estrutura, como bem observou o Tata: a cristianização de nossa sociedade não nos permite enxergar essa obviedade, marginalizando-nos como modelo para uma sociedade.

Fomos, ao longo do tempo, invisibilizados e desconsiderados como modelo, muitas vezes tratados como primitivos e abomináveis. Em relação ao sacrifício, é importante notar que o nosso ritual de sacrifício é muitas vezes mais criticado do que o de outras religiões. No entanto, se considerarmos a quantidade de animais sacrificados em todas as casas de Santo durante cem anos, ainda assim não se compararia ao número de animais sacrificados em um único Natal ou Dia de Ação de Graças pelo mundo afora.

Precisamos, portanto, olhar criticamente para as religiões afro-brasileiras e reconhecer que também temos aspectos a melhorar. No entanto, devemos considerá-las como um modelo justo e viável, afinal, se mantivemos uma ancestralidade preta por tanto tempo, é porque este modelo é eficaz. Agradeço a todos, todas e todes por este momento.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Maria Elise Rivas

Referências

PRANDI, Reginaldo. *O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras*. Revista brasileira de ciências sociais, v. 16, n. 47, p. 43-58, 2001.

RIVAS NETO, Francisco. *Teologia do ori-bará*. 2. ed. São Paulo: Arché Editora, 2015.

■